



XVI JORNADA ACADÊMICA

Educação, Memória e História: Os desafios
no processo de redemocratização do Brasil

ISSN 2965-0615

Programa de Pós-Graduação
EDUCAÇÃO
Mestrado e Doutorado



UNISC

OS NEGROS SÃO LIVRES PARA QUÊ? INÍCIOS DE UMA EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL NUM CONFRONTO DE RE-TERRITORIALIZAR QUILOMBOLA¹

Matheus da Silva Martins²
Ana Luisa Teixeira de Menezes²

EIXO TEMÁTICO 03 - INTERCULTURALIDADE, INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO?

INTRODUÇÃO

Está escrita propõe-se a semear palavras através de uma trajetória vivencial e reflexiva, de uma liderança comunitária quilombola e de pensadores; Antônio Bispo dos Santos (2023) e Raimon Panikkar (2002). Neste processo de semeadura, as palavras são as sementes jogadas na terra boa e que nos convidam a refletir sobre as memórias e reflexões numa experiência intercultural num quilombo.

Na comunidade vivem aproximadamente 60 famílias quilombolas. Na visita, realizada junto com o grupo de pesquisa Peabiru: educação ameríndia e interculturalidade, fomos recebidos pela presidente da comunidade. Está relatou a sua história como quilombola e os reflexos da escravização de seus ancestrais. Ela defende um processo de busca e resistência da história dos ancestrais quilombolas, na luta pela terra e seus direitos. A liderança quilombola fez a seguinte pergunta para os participantes do grupo. *Os negros são livres para quê?*

Para responder esta pergunta ela nos ajuda a refletir através da sua experiência de vida dizendo que: *os negros não têm emprego decente e precisam caçar tubarão e a terra que se ganha não se ganha com semente. Precisamos correr sempre atrás dos nossos direitos, sejam de educação, terra e trabalho e uma vida digna e de qualidade valorizando a história do quilombo e de seus ancestrais.*

A história do quilombo se origina da doação das terras realizada pela proprietária. Com o fim da escravidão, uma parte dessas terras foi doada aos escravos livres, aproximadamente 80, segundo a liderança comunitária. Um outro ponto crucial relacionado ao quilombo é a distinção realizada pela liderança. A líder comunitária afirmou que há duas formas de formação quilombola, uma baseada na doação e outra na formação. O que diferencia um quilombo de formação de um quilombo de doação é que, em um quilombo de formação, as moradias são erguidas próximas umas das outras. Isso não acontece em um quilombo de doação, onde as moradias estão mais espalhadas, ou seja, mais distantes umas das outras.

E ESTAS FORAM RECEBIDAS ATRAVÉS DE DOAÇÃO.

Os desafios que são enfrentados pela comunidade quilombola são: o acesso a água de qualidade e a falta de transporte público, dificultando o direito de ir e vir, assim como acesso a uma educação quilombola de qualidade e a possibilidade de deslocamentos para o trabalho. A liderança comunitária desempenha um pa-

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil – Código de Financiamento 001.

² Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc.

pel ativo em locais públicos, representando e decidindo sobre questões quilombolas na batalha pelos seus direitos. A comunidade não tem um local de moradia próprio. A igreja católica da comunidade é o marco legal e local de recepção para os visitantes. É crucial enfatizar a questão do território quilombola.

Ao discutir a questão da re-territorialidade, nota-se uma relação do negro com a sociedade. Conforme a liderança da comunidade quilombola, ela destaca que, apesar do negro estar em uma situação precária na luta pelos seus direitos, ele pode estar nas áreas públicas buscando melhorias para sua vida e para a comunidade. Nesse contexto, o re-territorializar terras é entendido. Quando se procura isso, surgem obstáculos que impedem a busca pelos seus direitos e criam-se barreiras, dificuldades. As dificuldades são também percebidas como um processo de experiência de vida.

EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL

A nossa vida se realiza na história com experiências interculturais e trajetórias de vida, de começo, meio e novos começos. Mas que trajetória é essa? Qual trajeto seguir? Segundo Santos, em relação ao povo do quilombo:

Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo. (2023, p. 66).

Nesta trajetória de experiências interculturais iniciamos o caminho reconhecendo a importância das histórias de vida, da ancestralidade do povo quilombola e valorizando o que se mantém como, começos, meios e começos. Assim como nos diz, Santos (2023, 30), "O nosso movimento é o movimento da transfluência. Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui. A ordem pode ser qualquer uma."

A partir da experiência de escuta intercultural, busca-se refletir sobre o pensamento encarnado na ancestralidade, memória e reflexões a respeito da história dos quilombolas. Como referência teórica temos o livro *A Terra dá a Terra Quer*, de autoria do pensador Antônio Bispo dos Santos (2023) como um pensamento intercultural, contracolonial, encarnado na história e simbólico.

Uma das reflexões possíveis e interculturais que podemos fazer a respeito do pensamento quilombola, segundo Antônio Bispo dos Santos (2023), é a possibilidade de refletirmos sobre a perspectiva da colonização em nossa vida cotidiana. Para isso, ele propõe uma analogia com o adestramento de animais, de modo especial, o adestramento de bois, no processo de sua vida pessoal: "Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa." (Santos, 2023, p. 2)

No adestramento e na colonização, existe um processo de submissão e denominação/dominação da vida, de forma consciente e inconsciente.

Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado, quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome (Santos, 2023, p. 2)

O processo de renomeação submete a memória em um outro processo de submissão e colonização, isto é, existe uma invalidação da memória do passado e uma supervalorização no processo de adestramento e aprendizado de novas memórias, palavras e ações. Neste sentido, "O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta" (Santos, 2023, p. 2).

Para combatermos o adestramento colonizador, imposto pela sociedade colonialista, Santos (2023) nos convida a transformar as armas do colonizador em processos de defesa, através de novas palavras trabalhando

assim, num processo de transformação e ressignificação, através de um contracolonialismo.

MAS O QUE É O CONTRACOLONIALISMO?

Segundo Santos, (2023, p. 36), "é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo". Uma forma de combater o colonialismo.

As novas formas de combate ao colonialismo, busca-se através de reflexões interculturais a respeito da vida, da natureza, da educação e da memória e ancestralidade. Olhar a natureza com a lente da humanidade colonialista, é impor experiências de separação de um lado o humanismo dominador e no outro os demais seres viventes.

Nesse processo de combater o colonialismo, os quilombolas lutam e buscam seus direitos perante os espaços públicos. Aliás, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 68, reconheceu o direito à propriedade das terras dos remanescentes das comunidades quilombolas no Brasil. Esta foi a primeira carta constitucional a garantir os direitos dos quilombolas em ter as suas terras e a preservar suas organizações e tradições culturais.

Mas esses direitos precisam ser fortalecidos e reivindicados cotidianamente, seja por meio do exercício de políticas públicas ou por mobilização pessoal. Podemos afirmar que os quilombolas precisam estar em permanente estado de alerta para assegurar a defesa de seu território. Mesmos após esse território ter sido reconhecido e certificado legalmente, ainda pode ser objeto de toda sorte de esbulho possessório (processo criminoso de invasão de território ou imóvel alheio no intuito de impedir sua utilização pelo seu real possuidor).

EXPERIÊNCIAS COMPARTILHANTES

Através das experiências compartilhantes somos convocados a ter uma atitude filosófica. Essa atitude nos inquieta, nos interroga e nos mobiliza aos questionamentos da vida e da história do povo, de modo especial do povo quilombola. Neste sentido, Panikkar, (2002, p.25) nos diz que,

O filósofo interroga, dúvida e com frequência se apresenta como uma figura incomoda que parece constantemente insatisfeita com a cultura predominante em qualquer período histórico – embora a insatisfação não deva ser confundida com o pessimismo.

Esta atitude dialógica, por vezes, acontece na solidão. O filósofo está sempre em diálogo consigo mesmo como ato filosófico. A solidão do filósofo não é o isolamento de um indivíduo fechado em si mesmo. A interculturalidade acontece também através da atitude filosófica, do diálogo. O diálogo com o outro estabelece uma relação experiência intercultural.

No quilombo, estamos conectados com a natureza, não existe uma relação de dominação ou denominação; a natureza é necessária. Existe uma relação vital de biointeração, relação da vida e não da colonização. Nessa relação vital, somos parte e somos natureza. "No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. Na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria" (Santos, 2023, p. 13).

No quilombo, o respeito com a história e a conexão com a natureza são fundamentais numa relação vital, de necessidade e não de importância. A relação de cuidado para com a natureza perpassa gerações. Para Santos (2023), nossos avós diziam que a gente planta o que quer, o que precisa e o que gosta; a terra dá o que pode e o que a gente merece. Não estamos falando, aqui, da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes, seres nela viventes. E na perspectiva do compartilhamento da terra para com os viventes é

que se encontra a relação de necessidade e pertencimento numa trajetória de re-territorializar, de memórias e de reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Território; Experiência intercultural; Quilombola;

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. DOU. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

PANIKKAR, Raimon. **Paz e Interculturalidade: Uma reflexão filosófica**. Editora Herder. 2002